

Estereótipos, religião e humor

(Stereotypes, religion and humor)

Edvania Gomes da Silva¹

¹Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

edvaniagsilva@gmail.com

Abstract: The main objective of this article is to analyze religious jokes for to verify the stereotypes that it is rounding about religions and religious peoples, like Catholic priests, Pastors, Jews, and Jehovah's Witness. The central axis of the discussions lies in the concept of stereotype, as proposed by Amossy e Pierrot (2005). The analyses show that humoristic champ in the jokes binds the religious champ. In the case, the alleged seriousness of the religion suffers a destabilization.

Keywords: discourse analysis; humoristic champ; stereotype; religious jokes.

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar piadas religiosas a fim de verificar os estereótipos que circulam acerca de religiões e de pessoas religiosas, como padres, pastores, judeus, testemunhas de Jeová. O eixo central das discussões situa-se no conceito de estereótipo, conforme proposta de Amossy e Pierrot (2005). As análises mostram que, nas piadas, o campo religioso está vinculado ao campo humorístico. Nesse caso, a suposta seriedade da religião sofre uma desestabilização.

Palavras-chave: análise de discurso; campo humorístico; estereótipos; piadas religiosas.

Considerações iniciais

Neste trabalho, analiso piadas sobre religião, a fim de verificar os estereótipos que circulam acerca de certas religiões e também de pessoas religiosas, tais como padres, pastores, judeus, testemunhas de Jeová, entre outros. Trata-se, mais especificamente, de verificar quais enunciados acerca da religião são retomados/reconfigurados nas piadas analisadas. Para tanto, parto da noção de estereótipo, conforme proposta por Amossy e Pierrot (2005), e recorro também a alguns ensaios de Possenti (2010), que tratam da relação entre humor, língua e discurso. Além da questão dos estereótipos, as discussões teóricas presentes neste artigo situam-se na relação entre o campo humorístico e o campo religioso.

Considerações gerais acerca da existência de piadas no campo religioso

Assim que comecei a constituir o *corpus* deste artigo, verifiquei que são poucas as piadas que têm como tema questões relacionadas ao campo religioso.¹ A maior parte dos textos que encontrei traz o religioso apenas como pretexto para apresentar outras questões ligadas aos campos da sexualidade, da política, etc. Para explicar essa ausência de piadas sobre religião, recorro a duas possíveis explicações. A primeira é semelhante àquela apresentada por Possenti (2010), quando trata da ausência de piadas sobre o descobrimento do

¹ De acordo com Possenti (2010), “a noção de campo foi proposta por Bourdieu. O traço principal de um campo, descobriu-se, é que seus membros seguem regras específicas” (POSSENTI, 2010, p. 172). Ainda segundo o referido autor, a noção de campo é retomada/reconfigurada por Maingueneau, quando trata de *discurso cômico*.

Brasil. Segundo o referido autor, “o solo para criação de piadas é tipicamente pisoteado. Em outras palavras, é apenas quando os discursos sobre temas controversos se tornam populares, praticamente anônimos, de tão frequentes, que as piadas começam a aparecer” (POSSENTI, 2010, p. 13).

No caso do campo religioso, a questão não é a falta de controvérsias e/ou de polêmicas, pois, como mostrei em outros trabalhos (cf. SILVA, 2006), as controvérsias são comuns no referido campo. A questão é que as controvérsias do campo religioso não são “pisoteadas”, pois há sempre uma áurea de respeito em relação a tudo que diz respeito ao sagrado e, conseqüentemente, às religiões. Nesse sentido, a piada, que tem o rebaixamento, conforme explicitado em Aristóteles (s/d), como um de seus traços constantes, torna-se, no campo religioso, uma espécie de tabu, uma vez que, segundo o senso comum, não é lícito rebaixar o sagrado ou qualquer coisa que mantenha relação com o sagrado. Nesse sentido, parafraseando Possenti (2010) quando trata da ausência de piadas sobre o descobrimento, não há, ou quase não há, piadas sobre religião, simplesmente porque religião não é assunto para piadas.² Entretanto, ainda segundo Possenti (2010, p. 51):

O mero rebaixamento não produz humor. [...]. Mas, para que ele (o humor) ocorra, é necessário que tal traço (o rebaixamento) seja apresentado por meio de uma forma engenhosa, que, em geral de modo indireto, permite a apreensão de um sentido que a sociedade controla, relegando-o a situações privadas de interlocução ou, se públicas, circunscritas a espaços destinados a isso, como teatros e casas de show, horários específicos de rádio e de TV etc.

A segunda explicação é, na verdade, uma consequência (ou uma causa, pois não sei bem quem vem primeiro) da primeira: o campo religioso não é tema de piadas, porque tal campo está ligado a um discurso constituinte.

De acordo com Maingueneau (2006a, p. 33), os discursos constituintes são aqueles que têm como pretensão “não reconhecer outra autoridade que não a sua e não admitir quaisquer discursos acima deles”. Ainda segundo o autor, mesmo que haja, como de fato há, uma interação constante entre discursos constituintes e não constituintes, faz parte do funcionamento dos primeiros negar essa interação ou, no mínimo, submetê-la a seus princípios. Isso porque os discursos constituintes funcionam, na produção simbólica de uma sociedade, como uma espécie de *archeion*. Ou seja, eles funcionam como uma espécie de arquivo, de fonte, de princípio, onde se encontra a sede da sabedoria e do poder. Nas palavras de Maingueneau (2006a, p. 33, grifos do autor):

O *archeion* associa assim intimamente o trabalho de *fundação*, no e pelo discurso, a determinação de um *lugar* associado a um *corpo de enunciadores consagrados* e uma gestão de *memória*.

Ao longo do artigo, o autor mostra como se relacionam essas quatro instâncias: *fundação* (relacionada à noção de constituição), *lugar* (relacionado à inscrição e, con-

² Vale salientar, contudo, que os motivos que explicam o porquê de o campo religioso não ser assunto de piadas são diferentes dos que explicam o fato de o descobrimento do Brasil também não o ser. Isso porque, ainda segundo Possenti (2010), o descobrimento não é assunto de piada porque não é popular. E esse não é, sem dúvida, o caso de temas ligados ao campo religioso, até porque, independentemente de ser religioso ou ateu, quase todo mundo tem algo a dizer sobre religião.

sequeamente, à cenografia) *corpo de enunciadores consagrados* (que diz respeito ao *ethos*) e *memória* (que diz respeito ao interdiscurso). Em relação à fundação, Maingueneau afirma que os discursos constituintes têm um estatuto singular, pois são “discursos-limite, situados sobre um limite e lidando com o limite” (2006a, p. 34). Ou seja, ao mesmo tempo em que se instituem e se autorizam como lugar de fundação de outros discursos, os discursos constituintes remetem sua suposta autoridade a uma Fonte legitimadora externa. No caso do discurso religioso, essa Fonte legitimadora é, em última instância, Deus. É por isso também (e talvez principalmente) que haja poucas piadas cujo tema é religião, afinal, como rir de Deus?³ Essa questão funciona como uma espécie de interdito em relação à criação de piadas ligadas ao religioso.⁴ Em síntese, defendo que há uma escassez de piadas que versam sobre temas do campo religioso e que as que existem tratam, mais frequentemente, de personagens ligados às religiões (mães de religiosos, freiras, padres, pastores, judeus) e, muito raramente, daquilo que é considerado “sagrado”: Deus, Alá, Jesus Cristo, Nossa Senhora (mãe de Jesus), etc.⁵ Além disso, saliento que os personagens que representam os praticantes de certas religiões (como dito: padres, freiras, pastores, etc.) aparecem estereotipados nas piadas. Esse processo de estereotipização, na maioria das vezes, funciona como gatilho para o riso. Por isso, apresento, a seguir, uma breve discussão teórica acerca da noção de estereótipo.

Sobre a noção de estereótipo

No que diz respeito ao conceito de estereótipo, Amossy e Pierrot (2005) mostram que essa é uma noção que interessa a diferentes disciplinas e que cada uma dessas disciplinas constrói seu objeto em função de sua lógica própria e, como não poderia deixar de ser, de seus interesses. Nesse sentido, ainda segundo as autoras, o estereótipo surge como um objeto transversal da reflexão contemporânea nas ciências humanas.

O termo “estereótipo” surge relacionado ao campo da tipografia e diz respeito a algo que é “impresso com placas cujos caracteres não são móveis, e que se conservam para novas tiragens” (LAROUSSE, 1875⁶ apud AMOSSY; PIERROT, 2005, p. 30). A palavra estereotipia liga-se, portanto, à ideia de rigidez, pois supõe algo que não se modifica, algo fixo, cristalizado. O estereótipo, no sentido de esquema ou de fórmula cris-

³ Isso não tem a ver com o fato de Deus ser um assunto sério, pois, como defende Possenti (2010, p. 13), “só há piadas sobre assuntos sérios desde que se tornem populares e controversos”. Nesse caso, a questão central é que Deus não é um assunto controverso: enquanto hiperenunciador, Ele é uma espécie de unanimidade, pois, ao menos, do ponto de vista discursivo, funciona como se o fosse.

⁴ Essa questão diz respeito, em alguma medida, ao funcionamento do superego, ou seja, da Lei que busca frear o inconsciente, pois, em relação ao inconsciente, esses limites do proibido não funcionam. Mas, minha abordagem aqui não está centrada no campo da psicanálise.

⁵ A esse respeito, remeto à polêmica em relação a alguns grupos religiosos e ao *site* “Porta dos Fundos”, que, no final de 2013, exibiu uma série de vídeos humorísticos, os quais trazem como tema personagens considerados sagrados, como Deus, Maria (mãe de Jesus) e o próprio Jesus. Acerca da referida polêmica, conferir: <http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=1438777>; <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/01/1395628-grupo-de-humor-porta-dos-fundos-enfrenta-ira-de-religiosos-por-especial-de-natal.shtml>; <http://www.tecmundo.com.br/youtube/44780-religiosos-criam-porta-da-frente-em-resposta-a-videos-do-porta-dos-fundos.htm>. Para ver os vídeos do *site* Porta dos Fundos, o leitor pode acessar: http://www.youtube.com/watch?v=2VEI_tn090c&feature=kp

⁶ LAROUSSE, Pierre. *Dictionnaire complet de la langue française*. Paris: A. Boyer et cie, 1875.

talizada, aparece no século XX e se converte em um centro de interesse para as ciências sociais desde os anos de 1920 do referido século.

No que diz respeito à importância da noção de estereótipo para Análise de Discurso Francesa (doravante AD), Amossy e Pierrot (2005, p. 112) afirmam que, “a análise de discurso na França, surgida em fins dos anos sessenta, se interessou pouco pela estereotipia, mas instaurou um marco favorável ao seu estudo”. Para as autoras, a primeira aproximação possível entre estereótipo e AD está relacionada à noção de pré-construído.

De acordo com Pêcheux (1997a, p. 99), *efeito de pré-construído* (ou encaixe) é o termo utilizado para “designar o que remete a uma construção anterior e exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado”. Trata-se, ainda segundo o autor, do efeito discursivo ligado ao *encaixe* sintático. Esse é um dos principais pontos de articulação entre Teoria do Discurso e Linguística, pois mostra que existe uma relação intrínseca entre aquilo a que Pêcheux (1997a) chama de base linguística e os diferentes processos discursivos. Trata-se, ainda segundo Pêcheux (1997a), da relação de discrepância entre domínios de pensamentos diferentes: um anterior (já pensado antes, desde sempre) e um realizado na situação de enunciação.

A noção de pré-construído é, posteriormente, apresentada, pelo próprio Pêcheux, como um dos elementos ligados à memória discursiva. Dessa forma, ainda segundo o referido autor:

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 2007, p. 52)

Nessa citação, verificamos que Pêcheux apresenta o pré-construído como sendo uma espécie de “implícito”, o qual é restabelecido pela memória discursiva. Nesse sentido, a memória funciona como um tipo de operador de leitura, que permite que um texto possa ser lido, isto é, interpretado.

Em relação ao estereótipo e sua relação com o pré-construído, Amossy e Pierrot defendem que o estereótipo se relaciona duplamente com o pré-construído:

[...] no sentido de que designa um tipo de construção sintática que põe em jogo o pré-afirmado, e, em um sentido mais amplo, de que o pré-construído funciona como uma marca, em um enunciado individual, de discursos e juízos prévios, cuja origem foi apagada. (AMOSSY; PIERROT, 2005, p. 113)

Em outras palavras, a noção de estereótipo liga-se, em alguma medida, ao conceito de memória discursiva, pois supõe a existência de algo que antecede e fundamenta a emergência dos enunciados.

Neste trabalho, como dito anteriormente, a noção de estereótipo serve para explicar o funcionamento de algumas piadas que têm como tema a religião (ou certas religiões) e os personagens típicos desse campo.

Análise dos dados

Neste artigo, analiso cinco piadas. Vejamos a primeira delas:

(01) Quatro mães católicas e seus filhos

Quatro mães católicas estão tomando chá. A primeira, querendo impressionar às outras, diz:

– Meu filho é padre. Quando ele entra em qualquer lugar todos se levantam e dizem: “Boa tarde, Padre”!

A segunda não fica para trás e comenta:

– Pois o meu filho é bispo. Quando entra em uma sala, com aquela roupa, todos param o que estão fazendo e dizem: “Sua benção, Bispo!”.

A terceira, calmamente, acrescenta:

– Pois o meu é cardeal. Quando entra em uma sala todos se levantam beijam o seu anel e dizem: “Sua benção, Eminência!”.

A quarta permanece quieta. Então, a mãe do cardeal, só para provocar, pergunta:

– E o seu filho, não é religioso?

A quarta responde:

– Meu filho tem 1.90m, é bronzeado, com olhos verdes, pratica musculação e trabalha como stripper. Quando entra numa sala todo mundo olha e diz: “MEEEEUUU DEEEUS!!!!!!!!!!!!”!

A piada acima tem como cenografia uma conversa entre mães católicas. O conceito de cenografia é apresentado por Maingueneau, para quem ela pode ser definida como “um correlato da própria enunciação, pois é esta última que, ao se desenvolver, esforça-se por constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala” (MAINGUENEAU, 2004, p. 87). Ainda segundo o referido autor, a cenografia leva o quadro cênico (cena englobante e cena genérica) a se deslocar para um segundo plano, pois, quando um texto apresenta uma cenografia, é por meio dela que esse texto se mostra ou se dá a conhecer a seu co-enunciador. Isso corre porque “qualquer discurso, por seu próprio desdobramento, pretende instituir a situação que o torna pertinente” (MAINGUENEAU, 2005, p. 75). O termo *cenografia* não corresponde apenas à ideia de “teatro” ou de “encenação”. À noção teatral de “cena”, Maingueneau acrescenta a de *-grafia*, de inscrição. Isso porque, segundo ele, “uma enunciação se caracteriza, de fato, por sua maneira específica de inscrever-se, de legitimar-se, prescrevendo um modo de existência no interdiscurso” (MAINGUENEAU, 2005, p. 77).

Na piada sob análise, verificamos que, desde o título, marca-se, por meio de uma expressão referencial definida (quatro mães católicas), quem são as personagens principais da suposta “conversa”. A essas personagens principais, vão sendo relacionadas outras personagens ao longo da pequena narrativa: o padre, o bispo, o cardeal e, finalmente, o filho que “tem 1.90m, é bronzeado, com olhos verdes, pratica musculação e trabalha como stripper”. Nessa piada, o gatilho para o riso está na fala da última mãe, mais especificamente no momento em que ela relata o que as pessoas dizem quando seu filho entra “numa sala”. A quebra de expectativa ocorre, porque, enquanto as outras três mães explicitam a forma de tratamento usada pelas pessoas para se referirem a seus filhos, a quarta mãe faz referência à interjeição de admiração exclamada pelas pessoas que assistem ao show de *strip-tease*, quando se confrontam com a suposta beleza do quarto filho. Dessa

forma, vemos, na expressão referencial que dá nome à piada (Quatro mães católicas e seus filhos), a instauração de um pré-construído de existência. Esse pré-construído liga-se a um estereótipo (uma imagem cristalizada) e, conseqüentemente, a uma memória de mãe que circula amplamente na sociedade: o de que as mães são exageradas e de que sempre supervalorizam as supostas qualidades dos filhos.⁷ É por isso que o texto nos faz rir antes mesmo de seu desfecho, pois, quando começamos a ver a forma como a primeira mãe tenta impressionar as outras, já identificamos ali uma imagem cristalizada acerca do lugar de mãe.

Há também outra imagem cristalizada que funciona na piada e que, essa sim, está relacionada ao campo religioso, mais especificamente ao discurso do catolicismo: trata-se da imagem acerca da autoridade hierárquica católica. É isso o que explica que, na piada sob análise, as mães mostrem as supostas qualidades dos seus filhos por meio das formas de saudação e de tratamento usadas pelas pessoas para os cumprimentarem. Dessa forma, quanto maior a “patente” do filho na hierarquia católica, maior o respeito das pessoas (materializado na forma de tratamento: “Boa tarde, Padre!”; “Sua benção, Bispo!”; e “Sua benção, Eminência!”) e, conseqüentemente, maior o orgulho da mãe. Nesse caso, a religião funciona como pano de fundo para a piada, porque o riso é causado pelo exagero das três primeiras mães e pela “sacada” da quarta, a qual mostra que, no grau de hierarquia, ser Deus é muito mais do que ser padre, bispo ou cardeal. Verificamos, nesse caso, certa ironia em relação à hierarquia, já que Deus estaria, em princípio, fora do horizonte de sentido das três primeiras mães. Esperar-se-ia, por exemplo, que a quarta mãe dissesse que o filho é Papa, mas não que ele é Deus. Há aqui um jogo entre desestruturação-reestruturação, no sentido apresentado por Pêcheux (1997b),⁸ pois Deus “está fora” da gradação hierárquica, porque, segundo as próprias regularidades do campo religioso, Deus é único e ninguém pode ser Ele. Mas “está fora” também, e isso tem a ver com uma sutil crítica à hierarquia católica, porque Deus foi excluído dessa hierarquia, ou seja, o enunciador materializa, por meio da piada, um discurso crítico segundo o qual os líderes católicos pensam tanto na hierarquia que se esquecem do fundamento, que, para o discurso religioso, é o próprio Deus.

Vejamos a segunda piada:

⁷ Isso funciona ainda melhor no que diz respeito às mães judias, já que, a respeito dessas mães, circulam estereótipos de superprotetoras, dominadoras, etc. A esse respeito, a piada a seguir, que tem a mesma estrutura da piada sobre as mães católicas, é exemplar: “Estavam conversando três mães judias sobre seu assunto predileto: seus filhos. Cada uma tenta mostrar qual deles é o melhor filho: – Meu filho é um médico rico e comprou para mim um carro de luxo com chofer para eu poder ir para qualquer lugar sem me cansar.

– Meu filho é um engenheiro construtor. Construiu um hotel para gente idosa e me deu um apartamento com todos os serviços incluídos. Tem piscina, sauna, academia para ginástica, refeitório, sala de jogos, não preciso nem sair do hotel, lá tem tudo.

– Meu filho faz análise com o psicanalista mais caro de São Paulo. Tem consultas cinco vezes por semana, pagando R\$ 1.000,00 por consulta, só para falar de mim.

⁸ De acordo com o referido autor, “todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetórias: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele se constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço [...]” (PÊCHEUX, 1997b, p. 56).

(02) Pecadora

Na igreja, a mulher rezava com muita fé:

– Virgem Maria, vós que concebestes sem pecar, dai-me a graça de pecar sem conceber.

Nessa piada, o campo religioso funciona, mais uma vez, como cenografia para a construção da pequena narrativa. Mas, diferentemente da piada sobre as mães católicas, aqui o gatilho para o riso está intimamente relacionado a uma imagem cristalizada ligada ao referido campo. Trata-se da imagem de Maria (mãe de Jesus) como uma mulher que concebeu “sem pecar”. Nesse caso, “pecar” está em relação de paráfrase com “relação sexual”, pois, para os cristãos, Maria concebe Jesus Cristo sem manter relação sexual com nenhum homem. Mas o riso na piada surge não apenas pela retomada dessa memória, mas pela relação dessa imagem de Maria com certa imagem de mulher que, por diferentes motivos, não quer (ou não pode) engravidar (conceber). Nesse caso, o verbo “pecar” assume outro efeito de sentido: o de traição. Entretanto, esse segundo efeito de sentido não apaga o primeiro, pois, no caso da “mulher que reza com fervor”, a traição se dá justamente por causa da relação sexual que ela mantém com alguém que não é seu marido. Esse estereótipo da mulher adúltera surge na piada por meio do enunciado “dai-me a graça de pecar sem conceber”. Vale salientar, contudo, que em nenhum momento da pequena narrativa aparece a palavra “adúltera”, a personagem é definida apenas como “a mulher”. Nesse caso, como não há uma definição de quem seria essa mulher, pode-se supor também que a mulher da piada é uma prostituta, a qual, segundo certa memória de acordo com a qual uma prostituta não pode/não deve assumir o lugar de mãe, também não quer/não pode conceber.⁹ Para essa interpretação, o verbo “pecar” assume o efeito de “fazer sexo por dinheiro”. Contudo, independentemente de a mulher da piada ser uma adúltera, uma prostituta ou uma moça solteira que gosta de fazer sexo, mas não quer engravidar, ela é posta em oposição a Maria, mãe de Jesus. Essa oposição se marca linguisticamente pelo trocadilho entre as expressões “conceber sem pecar” e “pecar sem conceber” e pelo efeito de sentido que a palavra “pecar” assume em cada uma dessas expressões. Mas não se trata apenas de um jogo linguístico, pois, como mostramos, para que esse jogo funcione, é preciso recorrer a certas imagens cristalizadas que circulam na sociedade.

Em relação à terceira piada aqui analisada, há um funcionamento um pouco diferente da piada dois e mais próximo daquilo que ocorreu em relação à primeira piada.

(3) “Papa condena o segundo casamento...”

(porque é solteiro... se fosse casado condenaria o primeiro também!)

Na piada acima, o gatilho para o riso não tem qualquer relação com o campo religioso, mas liga-se a certos discursos que circulam acerca do casamento e que o caracterizam como algo ruim, maçante, massacrante, etc. Contudo, para que a piada funcione, entra em jogo o pré-construído segundo o qual o Papa não se casa. Afinal, só por meio desse pré-construído é possível entender a frase “porque é solteiro”, que, na piada, é apre-

⁹ A memória segundo a qual a prostituta não pode/não deve conceber liga-se a uma série de outros estereótipos, como o de que mãe é sinônimo de doação, de pureza e está, inclusive, associada à imagem de Maria, mãe de Jesus Cristo. Nesse sentido, a prostituta não pode/não deve ser mãe, porque estaria muito distante da referida imagem, uma vez que, discursivamente, é apresentada como sendo o oposto de tudo isso.

sentada como uma conclusão lógica para o fato de o Papa condenar o segundo casamento. Além disso, o enunciado “Papa condena o segundo casamento”, apresentado como uma espécie de particitação,¹⁰ também está relacionado a um pré-construído: o de ue o Papa (que aqui representa a Igreja Católica) condena o divórcio, afinal, no caso dos viúvos, o segundo casamento não é condenado.

- (4) “Espero que não tenha tomado como pessoal, Reverendo, quando meu marido saiu da missa pela metade”, disse a mulher meio envergonhada.

“Achei tremendamente desconcertante”, respondeu o padre.

“Não foi por sua causa, senhor. É que o Rafael é sonâmbulo desde criança.”

O quarto dado é, assim como no caso da piada dois, uma piada cujo gatilho para o riso está relacionado ao próprio campo religioso, o que mostra que, apesar de raros, existem casos em que o riso liga-se ao campo religioso. Nesse caso, o riso está relacionado a uma imagem cristalizada segundo a qual missas são cansativas, enfadonhas e, por isso, fazem as pessoas dormirem. Nesse caso, a esposa relaciona a saída do marido da missa ao fato de ele ser sonâmbulo e, portanto, de estar dormindo. O riso surge, portanto, da relação entre sono e sonambulismo e da ação da memória (missas são enfadonhas) sobre o acontecimento, que, nesse caso, é o relato da esposa acerca do ataque de sonambulismo sofrido pelo marido durante a missa.

Vejamos, agora, outra piada que também tem o gatilho para o riso vinculado a certa memória presente no campo religioso.

- (5) Você sabe o que os testemunhas de Jeová e os testículos têm em comum? É que os dois sempre andam juntos e ninguém os deixa entrar.

Na piada, que assume a cenografia de uma advinha,¹¹ vemos, mais uma vez, o funcionamento de certos estereótipos. No caso sob análise, o estereótipo que ativa o gatilho para o riso é o do que os “testemunhas de Jeová” são inconvenientes. Isso explica o fato de “ninguém os deixar entrar”. Mas, na piada, esse estereótipo aparece relacionado a um órgão sexual masculino: os testículos. Dessa forma, há o estabelecimento de uma comparação entre testículos e testemunhas de Jeová, pois, assim como os testículos, que são dois e estão sempre juntos, os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, conhecidos popularmente como “testemunhas de Jeová”, saem para evangelizar sempre em dupla. Contudo, o riso ocorre quando outra suposta característica dos “testemunhas de Jeová” e dos testículos é apresentada: em ambos os casos “ninguém os deixa entrar”. Aqui, verificamos, mais uma vez, o jogo entre desestruturação-reestruturação

¹⁰ De acordo com Maingueneau (2006), particitação é uma palavra-valise “que funde ‘participação’ e ‘citação’” (MAINGUENEAU, 2006, p. 91). Em outras palavras, a particitação é, segundo o referido autor, fruto de uma citação co-participada. É por isso que ela se difere da citação propriamente dita, pois, enquanto esta se caracteriza, *grosso modo*, pelo corte de um fragmento de um texto fonte e pela sua subsequente inserção em outro texto; a particitação apresenta características que a singularizam, como, por exemplo, o fato de o enunciado citado ser um enunciado autônomo, já que sua fonte não é informada.

¹¹ As advinhas, em relação à estrutura, são compostas pelo par pergunta-resposta, podendo ser decompostas em “elementos descritivos (parte presente) e referente (parte ausente)” (TODOROV, 1980, p. 219). São, portanto, “textos verbais breves que implicam um jogo de pergunta e resposta, sendo esta, clara, está contida naquela de modo cifrado, velado ou inesperado” (SARAIVA, 1990, p. 2)

do qual trata Pêcheux (1997b), pois tanto o pronome “ninguém” quanto o verbo “entrar” possuem, na piada, mais de um efeito de sentido. Assim como no caso de “Ganhamos”, enunciado analisado por Pêcheux (1997b), o pronome “ninguém” e o verbo “entrar”, no enunciado “ninguém os deixa entrar”, têm um efeito quando o pronome “os” diz respeito às testemunhas de Jeová, nesse caso “ninguém” pode ser interpretado como “nenhuma das pessoas que as testemunhas de Jeová tentam evangelizar”, e o verbo “entrar” tem por complemento a expressão “em casa”; e outro efeito, se o pronome “os” faz referência aos testículos. Nesse caso, “ninguém” diz respeito às mulheres e/ou aos homens no momento do ato sexual e o complemento do verbo “entrar” pode ser preenchido com os órgãos genitais do homem e da mulher, os quais “entram em cena” no ato sexual.

Considerações finais

As análises mostraram que há piadas que estão diretamente relacionadas ao campo religioso (é o caso da piada (02), que opõe Maria à mulher pecadora; da piada (04), que retoma a imagem cristalizada da missa como algo cansativo; e da piada (05), que faz referência a imagens cristalizadas acerca das testemunhas de Jeová), mas há também piadas que utilizam o referido campo apenas como pano de fundo para construção da narrativa. Nesse último caso, o gatilho para o riso está relacionado a outras imagens cristalizadas, como o da mãe exagerada (piada (01)) ou a do casamento como algo ruim (piada (03)). Salientamos que a proposta de tratar o humor como um campo é de Possenti (2010). Para o referido autor, “supor que o discurso humorístico é um campo (menos organizado que o científico, certamente) produz uma compreensão mais adequada. Permite – ou gera – outro olhar” (POSSENTI, 2010, p. 175). No texto em questão, Possenti propõe que o humor seja um campo que pode, por analogia, ser relacionado ao campo da literatura, pois ambos se assemelham em vários aspectos, tais como: a forma de estruturação da carreira de autor, bem como da de humorista; a pluralidade de assuntos que são tratados, tanto pela literatura quanto pelo humor; o fato de, em ambos os campos, praticarem-se numerosos gêneros; etc.¹²

Em relação aos dados aqui analisados, verificamos uma relação de desestruturação/reestruturação entre o campo humorístico e o campo religioso. Nesse sentido, se, como afirma Pêcheux (1997b), esse jogo ocorre em todo e qualquer enunciado, ele se torna ainda mais visível quando se trata do gênero piada, que pertence ao campo humorístico, mesmo se esse gênero toma como tema discursos que circulam em um campo aparentemente “sério”, como é o caso do campo religioso. Nossa hipótese, que, ao menos nos dados apresentados neste trabalho, confirmou-se, é a de que, no caso das piadas religiosas, o campo religioso aparece vinculado ao campo humorístico e, por isso, sua suposta seriedade é abalada, desestabilizada. Nesse caso, a desestruturação ocorre justamente pela intervenção do humor na religião, e a reestruturação se dá no/pelo gênero, o qual faz com que o co-enunciador construa, com base nas pistas da piada (principalmente, no gatilho e nos estereótipos), uma interpretação para o texto.

¹² Ainda segundo Possenti, a principal consequência que surge ao se adotar o conceito de campo para tratar de humor é que “adotando-o, não se pode mais considerar que um discurso (e outras atividades a ele relacionadas) são ações ou decisões de um indivíduo – um sujeito, um pesquisador, um ator – mas o resultado de um conjunto de regras que esses indivíduos seguem em um campo específico (POSSENTI, 2010, p. 172).

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Ars Poética, s/d.
- AMOSSY, R. ; PIERROT, A. H. *Estereotipos y clichés*. Traducción y adaptación: Lelia Gándara. 1. ed. 4ª reimpressão. Buenos Aires: Eudeba, 2005 [Primeira edição: 1997]. Enciclopédia Semiológica.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2004 [Título original: 1998].
- _____. Ethos, cenografia e incorporação. In: Amossy, R. (Org.). *Imagens de si no discurso*. Tradução de Dilson F. da Cruz; Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005 [Título original: 1999].
- _____. Discursos constituintes. In: POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. de. (Org.). *Cenas da enunciação*. Curitiba: Criar Edições, 2006a. p. 33-51.
- _____. A noção de hiperenunciador. In: _____. *Cenas da enunciação*. Curitiba: Criar Edições, 2006b. p. 91-110.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi et al. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a. [Primeira edição: 1975].
- _____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi Campinas, SP: Pontes, 1997b. [Primeira edição: 1983].
- _____. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da Memória*. Tradução e introdução de José Horta Nunes. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007 [Primeira edição: 1983].
- POSSENTI, S. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.
- SARAIVA, A. Poética e enigmática das adivinhas populares portuguesas. In: 1º. Encontro sobre cultura popular (Homenagem ao Prof. Dr. Manuel Viegas Guerreiro). *Actas do 1º. Encontro sobre Cultura Popular*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1999, Folclore, p. 253-A.
- SILVA, E. G. da. *Os (des)encontros da fé: análise interdiscursiva de dois movimentos da Igreja Católica*. Tese (Doutorado) – IEL/Unicamp. Campinas-SP, 2006.
- TODOROV, T. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.